

**INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS
BACHARELADO EM FILOSOFIA**

MURILO DE SOUZA GUIMARÃES

O TEMPO NO PENSAMENTO DE AGOSTINHO DE HIPONA

Goiânia

2022

MURILO DE SOUZA GUIMARÃES

O TEMPO NO PENSAMENTO DE AGOSTINHO DE HIPONA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Filosofia e Teologia de Goiás como requisito para obtenção do título de bacharel em Filosofia.

Orientador: Me. Marcos Vinícius Ramos de Carvalho

Goiânia

2022

Como forma de Gratidão, dedico este trabalho primeiramente a Deus, por sua bondade e misericórdia. Também a minha família por ter me criado com tanto amor e carinho, para que eu pudesse ser uma boa pessoa. À toda Família Franciscana, em especial a Ordem dos Frades Menores na qual faço parte, pertencendo a Província do Santíssimo Nome de Jesus, na qual não mediu esforços para me incentivar nos estudos acadêmicos e na formação espiritual. Aos professores e colaboradores do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, pelo tempo de formação, de maneira especial e afetuosa, ao meu orientador, por ter me auxiliado na confecção deste trabalho. Por fim, aos meus amigos, colegas e povo de Deus que sempre se fizeram presente por meio das orações e partilhas.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus sempre me acompanhar me proporcionado tudo o que foi necessário para que eu pudesse percorrer todo o curso e também este trabalho. À Santíssima Virgem Maria e a todos os santos que intercedem por mim e por minha caminhada terrestre. Ao Seráfico Pai São Francisco de Assis, meu inspirador e modelo de vida. Ao Doutor da Graça, Santo Agostinho de Hipona, que com seu modo de fazer filosofia, iluminou toda a minha trajetória acadêmica e se tornando o exemplo de filósofo que levarei por toda minha vida. Também agradeço minha família, em especial meus pais Paulo Roberto de Souza Guimarães e Claudia Patricia de Souza Guimarães, que com tanta simplicidade sempre me incentivaram a estudar. Sou grato à Província do Santíssimo Nome de Jesus, por me proporcionar e estimular os estudos que me foram necessários para esta etapa de formação. Com muito carinho agradeço a toda minha fraternidade, de modo especial aos meus irmãos de turma, Frei Evilásio Souza da Silva, OFM; Frei João Victor Tessarollo Mota, OFM e Frei Marcelo da Silva Gonçalves, OFM. Também sou grato aos meus amigos Andréi Baruk Silva Cunha, Avelino Francisco de Castilho Neto, os Frades Capuchinhos e os Estigmatinos por caminharem junto comigo. Por fim, agradeço ao meu orientador, Irmão Marcos Vinicius Ramos de Carvalho, CSSR; que com responsabilidade, fraternidade e zelo me acompanhou neste trabalho e aos outros professores que muito contribuíram com seus ensinamentos.

"E no entanto, no entanto... negar a sucessão do tempo, negar o eu, negar o universo astronômico são desesperos aparentes e consolos secretos... O tempo é a substância de que sou feito. O tempo é um rio que me arrebatou, mas eu sou o rio; é um tigre que me destroça, mas eu sou o tigre; é um fogo que me consome, mas eu sou o fogo. O mundo, desgraçadamente, é real; e eu, desgraçadamente sou Borges".
(Jorge Luis Borges).

RESUMO

Este estudo tem como objetivo, fazer uma investigação do problema do tempo a partir da leitura e apreciação do livro XI, da obra Confissões, de Agostinho de Hipona, analisando sua contribuição para este tema. Para isso, busca-se entender a diferença entre tempo e eternidade, demonstrando a temporalidade como criação de Deus. Também é investigada a forma de existência da temporalidade, entendendo o tempo presente como contenção do passado e do futuro. Para o patrístico as três formas de divisões entre: passado, presente e futuro; são compreendidas de forma errada, por isso ele investiga a possibilidade de existência dessa tripartição e o modo pelo qual se faz a medição temporal. Além disso, será abordada a conceituação do tempo como distensão da alma, que foi dada por Agostinho, entendendo o modo de percepção da temporalidade que se dá na interioridade do homem. Para o enriquecimento dessa pesquisa, serão utilizados alguns trechos de estudos realizados por pesquisadores do assunto abordado.

PALAVRAS-CHAVE: Agostinho; Tempo; Patrística; Eternidade; Alma.

RIASSUNTO

Questo studio si propone di indagare il problema del tempo a partire dalla lettura e dall'apprezzamento del libro XI, dall'opera *Confissões*, di Agostinho de Hipona, analizzando il suo contributo a questo tema. Per questo, cerchiamo di comprendere la differenza tra tempo ed eternità, dimostrando la temporalità come creazione di Dio. Viene indagata anche la forma di esistenza della temporalità, intendendo il tempo presente come contenimento del passato e del futuro. Per la patristica le tre forme di divisione tra: passato, presente e futuro; sono fraintesi, quindi indaga sulla possibilità dell'esistenza di questa tripartizione e sul modo in cui viene effettuata la misurazione temporale. Inoltre, si affronterà la concettualizzazione del tempo come distensione dell'anima, che fu data da Agostino, comprendendo il modo di percezione della temporalità che avviene nell'interiorità dell'uomo. Ad arricchire questa ricerca verranno utilizzati alcuni estratti di studi svolti da ricercatori sul tema affrontato.

PAROLE CHIAVE: Agostino; Volta; Patristica; Eternità; Anima.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1 PROBLEMATIZAÇÃO DA TEMPORALIDADE NAS CONFISSÕES DE AGOSTINHO ... | 12 |
| 1.1 AGOSTINHO E O TEMPO..... | 16 |
| 1.2 O TEMPO E A ETERNIDADE | 17 |
| 1.3 O HOMEM E O TEMPO | 19 |
| 2 AS TRÊS DIVISÕES DO TEMPO | 22 |
| 2.1 O PASSADO LEMBRADO NO PRESENTE | 24 |
| 2.2 O FUTURO ANTECIPADO NO PRESENTE | 26 |
| 2.3 O PRESENTE DAS COISAS PRESENTES | 28 |
| 3 A MEDIÇÃO DO TEMPO..... | 32 |
| 3.1 O TEMPO É UM MOVIMENTO DOS ASTROS? | 33 |
| 3.1.1 O tempo é um movimento? | 34 |
| 3.2 O TEMPO E O ESPÍRITO..... | 36 |
| 3.4 O tempo interior | 38 |
| 3.3 UMA NOVIDADE AGOSTINIANA? | 40 |
| 3.3.1 A passagem do tempo para a eternidade | 41 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 43 |
| REFERÊNCIAS | 45 |

INTRODUÇÃO

O tempo é um problema filosófico que foi analisado por muitos pensadores, desde os antigos até os contemporâneos. Contudo, ele também é pensado por muitas pessoas que no dia a dia indagam sobre este problema. Deste modo, coloquei-me a questionar por que o tempo seria um problema? Com isto, iniciei uma investigação sobre este tema, que parece ser tão familiar, porém traz grandes reflexões. Muitas pessoas falam que estão sem tempo, ou que o tempo está correndo, elas se perdem em tantos compromissos, datas, calendários, horários, mas será que realmente elas sabem o que é o tempo? Também se sabe que muitas pessoas ficam presas ao passado, a acontecimentos que já não existem mais, enquanto outras sofrem a ansiedade de viver o futuro, desse modo pode-se questionar: o presente realmente existe? São tantos os problemas que perpassam o tema da temporalidade, que até ousar dizer que é impossível alguém nunca ter pensado na temporalidade.

Buscando subsídios filosóficos para entender o problema, deparei-me com o pensamento de Agostinho de Hipona, um filósofo do período patrístico, que buscou contribuir para a compreensão do assunto. Sua contribuição é tão importante que passou por todo o período medieval e moderno, chegando até na contemporaneidade, que foi utilizada por grandes filósofos que souberam interpretar o pensamento agostiniano. Mas que contribuição é essa que é utilizada depois de tantos séculos? Para isso, torna-se necessário analisar a obra Confissões na qual Agostinho dedica todo o seu livro XI para abordar sobre o problema da temporalidade.

Deste modo vale destacar que muitas foram as motivações para estudar o pensamento de Santo Agostinho, dentre as quais posso destacar algumas. Recorrer a Agostinho contribui com o entendimento da tradição ocidental, tanto na filosofia quanto na teologia, pois, diversos filósofos e teólogos recorreram ao seu pensamento como modo de contribuição para seus estudos e, desse modo, a filosofia agostiniana se faz importante até na contemporaneidade.

A forma assustadoramente simples que o tempo se impôs como um problema também foi uma motivação, bem como o fato de ser um tema estudado por muitos pensadores. Pois esse assunto não havido sido tão bem explicitado pelos filósofos anteriores e, desta maneira, após a análise agostiniana, o tema se tornou recorrente

em toda a tradição filosófica. Em Agostinho, a temporalidade adquire um caráter bastante interessante.

Outra motivação é pelo fato de alinhar-se a uma tradição de estudos presente neste Instituto, pois, o patrístico possui grande importância no ambiente acadêmico católico, devido a sua colaboração com a filosofia cristã. Vale recordar que o filósofo se faz importante entre estudiosos franciscanos, por sua necessária contribuição à filosofia franciscana. Recordo-me do grande filósofo franciscano São Boaventura, que se fundamentou muito no pensamento agostiniano para a construção de sua doutrina filosófica. É válido ainda destacar que a filosofia agostiniana se torna cada vez mais pertinente na atualidade, pois sua contribuição para a reflexão filosófica é importante em diversas áreas da filosofia.

Desse modo, vale rememorar que diversos estudiosos da atualidade recorrem ao seu pensamento para poder entender e abordar assuntos relacionados ao tempo. De tal modo se vê que esse estudo é abordado não somente por filósofos, mas também por teólogos, psicólogos e historiadores que buscam no pensamento agostiniano a análise da temporalidade como um problema contemporâneo.

Portanto, o objetivo deste trabalho é compreender, a partir da leitura e análise da obra *Confissões* de Agostinho de Hipona, o pensamento sobre a temporalidade como distensão da alma, buscando entender o tempo presente como contenção do passado e do futuro. Para isso, procurarei explicitar em que consiste o pensamento acerca do tempo; destacar a compreensão agostiniana do tempo presente existente como memória do passado e expectativa do futuro; e explicar a importância do seu pensamento para a filosofia e para a tradição cristã, mostrando a relevância que possui esse tema.

Dessa maneira, tendo em vista o que foi explicitado, partirei da seguinte hipótese: pode-se elucidar a conjectura de que, em Agostinho, o tempo foi criado por Deus, quando tudo foi criado; contudo, ele é finito e mutável. Agostinho analisa a forma de mutação do tempo percebendo que o passado e o futuro só podem existir enquanto presente e que ele só pode ser considerado em um instante indivisível do tempo, desta maneira, percebe-se que ele não tem duração. Desse modo, pode-se compreender que o tempo só pode ser medido em nossa alma (consciência), de forma que o presente é o único modo de medição. Constata-se também, por meio desse pensamento, que o tempo é finito, pois, somente a eternidade é imóvel e imutável.

Para a investigação dessa hipótese, este trabalho será dividido em três capítulos nos quais tratarei sobre o tema da temporalidade agostiniana. No primeiro capítulo será realizada uma introdução à problemática da temporalidade na obra de Agostinho, ou seja, como surgiu a inspiração para o pensamento deste problema. Serão tratados os motivos pelos quais Agostinho quis falar sobre a temporalidade e porque ele estudou o tempo como problema psicológico e não ontológico. Também será abordado sobre a influência do cristianismo para o entendimento desse problema, percebendo as diferenças entre o tempo e a eternidade. Por fim, será analisada a existência do tempo e a sua relação com o homem.

No segundo capítulo, com a intenção de aprofundar mais sobre o tema, serão investigadas as três divisões do tempo que comumente são feitas entre passado, presente e futuro. Desse modo, será apresentada a inovação feita por Agostinho acerca do pensamento sobre a temporalidade. Para isso, será explanada a única forma de entendimento do tempo no pensamento agostiniano, percebendo que o tempo não pode ser tripartido, mas deve ser único.

No terceiro capítulo, serão apresentados os modos de medição e de existência do tempo, mostrando assim que a temporalidade não está no exterior, mas sim no interior do homem, ou seja, o tempo é uma distensão da alma. Dessa maneira, pretende-se evidenciar a divergência do pensamento de Agostinho com aqueles filósofos que acreditavam que o tempo era o movimento dos corpos. Por fim, será explicitada a existência do tempo no espírito do homem.

Portanto, desejo a você, caríssimo leitor, uma boa leitura deste estudo. Espero que a filosofia agostiniana possa iluminar seu pensamento, para que a leitura seja frutuosa, de modo que este estudo contribua, para que você adquira novos conhecimentos a respeito deste tema. Também espero que assim como este assunto ajudou-me no entendimento da temporalidade e me alertou quanto aos erros contemporâneos do tempo, ele possa ser uma inspiração para o surgimento de novos trabalhos.

1 PROBLEMATIZAÇÃO DA TEMPORALIDADE NAS CONFISSÕES DE AGOSTINHO

*O tempo é a imagem móvel da eternidade imóvel.
Platão*

No estudo filosófico há de se considerar os pensadores que marcaram o seu desenvolvimento, que de tal modo é impossível se pensar filosofia sem se lembrar de seus pais, Sócrates, Platão e Aristóteles, pois, marcaram o período que chamamos de filosofia antiga. De igual modo, é difícil imaginar a patrística sem recordar Agostinho, pois ele teve papel formidável naquele período. Desse modo pode-se indagar: Quem foi Agostinho? Por que o pensamento de Agostinho foi relevante para a filosofia? Qual foi sua contribuição para o período patrístico?

Em 13 de novembro de 354, na cidade de Tagaste, província romana de Numídia, na África, nascia Aurélio Agostinho, filho de Mônica, uma pessoa essencial para a conversão dele. Seu pai era pagão e por essa influência, ele também seguiu este caminho por boa parte de sua vida. Foi professor de retórica e ganhou reconhecimento no Império Romano. Contudo, não foi nesta área que ele se destacou, mas sim na filosofia, que ele encontrou por meio da busca de uma vida espiritual. Essa busca tem início já na juventude de Agostinho, depois de passar por um relacionamento e ter um filho ele, aderiu ao maniqueísmo¹. Somente na fase adulta que ele pôde compreender que sua busca não estava sendo coerente, ao ouvir as pregações de Santo Ambrósio e se converter ao cristianismo. Uma das partes mais conhecidas de sua obra Confissões é o trecho no qual diz que tardiamente amou a Deus, pois naquela experiência espiritual que encontrou dentro de si o que buscava fora. Desse modo, reconheceu o primado da interioridade humana, algo que será essencial para o seu pensamento filosófico (cf. SANTOS, 1987, p. 07).

¹ “O Maniqueísmo foi uma espécie de seita fundada por Mani, no século III ac. Ele acreditava que a difícil situação humana era causada por dois princípios que coexistem naturalmente em todos os seres humanos: o primeiro espiritual e luminoso e o segundo material, físico e tenebroso. Basicamente a doutrina maniqueísta está fundamentada sob o pilar da existência desses dois princípios antagônicos: o bem e o mal. O bem sendo representado por Deus e o mal por Satanás. Sua doutrina misturava as doutrinas de Zoroastro com o Cristianismo. Agostinho participou desse grupo, durante nove anos, como "ouvinte" (espécie de catecúmeno, que não se obrigava a todos os votos exigidos pela seita, diferentemente dos "eleitos", que se envolviam diretamente com seus rituais e cerimônias) atraído pela solução apresentada pelo maniqueísmo, relativamente à origem do mal, que isentava Deus de toda a responsabilidade pelos males existentes no universo” (CORREIA, 2006, p. 76).

O principal marco do pensamento agostiniano é a junção entre fé e razão, contudo, vale recordar que nem sempre Agostinho foi a favor daquela fé que ele tanto pregou. Ele deixou-se seduzir pelo pensamento maniqueísta, no entanto, pode perceber que essa seita era extremamente decepcionante do ponto de vista intelectual. Ele sempre buscou se empenhar nos estudos sobre questões intelectuais, porém, percebeu que não seria possível encontrar nos maniqueus as possibilidades para aprofundar seus questionamentos. Desse modo, ele buscou na academia platônica as respostas para suas indagações, porém, os neoplatônicos divergiam em alguns aspectos do pensamento de Platão. Também pode conhecer os discípulos de Plotino, que seguiam o pensamento de Platão, e lhe possibilitaram o contato com aquele pensamento que seria fundamento para o seu (cf. SANTOS, 1987, p. 09).

O pensamento neoplatônico foi essencial para que Agostinho fizesse a junção entre fé e razão, pois, ele apoiou-se em argumentos racionais para compreender o pensamento cristão. Ele próprio titulou essa junção de filosofia cristã (cf. COSTA, 2014, p. 11), na qual buscou a felicidade²; pois, para ele, a felicidade é a finalidade do pensamento filosófico. Contudo, Agostinho não encontra a felicidade na filosofia clássica, mas nos ensinamentos do apóstolo Paulo, que são presentes nas Sagradas Escrituras. Para ele a plenitude do conhecimento vem pela fé, mas precedido pela razão, portanto, faz-se necessário a união entre fé e razão. Em seu pensamento se vê que as verdades da fé não são passíveis de prova, porém, por meio da crença se percebe que elas são assertivas e essa crença é dada por meio da razão. Assim, pode-se entender que a razão precede a fé e também é sua consequência. (cf. SANTOS, 1987, p.12).

Portanto, a filosofia para Agostinho é um modo pelo qual se pode buscar aquilo que é transcendente, ou seja, aquilo que vai além de si. Então, pode-se indagar: Agostinho realmente foi filósofo ou apenas um místico? O pensamento agostiniano contribui não somente para a teologia, mas também para problemas que foram estudados na filosofia. Agostinho é um filósofo que une a sabedoria cristã com os questionamentos filosóficos, isso se torna notável por meio da leitura de suas obras, nas quais ele busca compreender a verdade revelada por meio da

² É válido saber que para Agostinho "a sabedoria, objeto da filosofia sempre é confundido com a beatitude" (GILSON, 2010, p. 17). Beatitude, na filosofia agostiniana, deve ser compreendida como felicidade.

racionalidade filosófica. Dentre tantas obras, vale destacar sua obra *Confissões*, que traz sua autobiografia e, ao mesmo tempo, mostra seus pensamentos acerca de temas teológicos e filosóficos.

Muitas foram as obras escritas por Agostinho, nas quais ele pôde contribuir para o pensamento teológicos e filosóficos. Neste estudo, ressalta-se a obra *Confissões* escrita de modo confessional, abordando temas que são estudados por diversos filósofos e teólogos. Sua linguagem aponta um modo místico e meditativo, contudo, expressa também rigor dialético e especulativo. Para uma aproximação a essa obra será utilizada a contribuição de Étienne Gilson, estudioso francês da filosofia cristã.

As páginas consagradas por Agostinho à meditação desses problemas são as mais belas que escreveu e vibram com uma alegria mística que, mesmo se fosse possível, qualquer tentativa de reproduzir o tom delas seria um tipo de impiedade³ (GILSON, 2010, p. 354).

Dentre tantos temas abordados nesta obra de Agostinho, vale destacar o livro XI, no qual o autor problematiza a temporalidade. Essa contribuição possui grande autoridade, pois, diversos filósofos se basearam no seu pensamento para entender o problema do tempo⁴, como se pode destacar o que Husserl diz:

Os capítulos 14-28 do Livro XI das *Confissões* devem ainda hoje ser profundamente estudados por quem se ocupe com o problema do tempo. Porquanto, nestas coisas, a época moderna, orgulhosa de seu saber, nada mais grandioso e mais considerável trouxe do que este grande, e na verdade, incansável pensador. Ainda hoje se pode dizer com Santo Agostinho: *si nemo a me quaerat, scio, si quarenti explicare velim, nescio* (HUSSERL, 1994, p. 37).

Por conseguinte, percebe-se que o pensamento de Santo Agostinho sobre a temporalidade se perdura até a contemporaneidade. Ele traz uma concepção sobre o tempo que nunca tinha sido pensada. A temporalidade é vista como um ser que está presente no homem. Essa conceituação agostiniana, assim como os demais assuntos tratados por Agostinho, faz uma conexão entre a fé e razão, pois, ele entendeu a criação do tempo a partir do pensamento cristão.

³ Ainda diz ele em outra obra: “Devemo-lhe as *Confissões*, esse livro único do qual cada uma das páginas tem o frescor e sabor da vida” (GILSON, 1995, p. 149).

⁴ Dentre tantos podem ser destacados Henri Bergson em sua obra “ideia de tempo”, Paul Ricoeur em sua obra “Tempo e Narrativa”, Flasch, Esposito, Brito Martins, Ardorvino e Ficher. É válido dizer que Heidegger também se baseou no pensamento agostiniano para sua concepção de temporalidade, contudo, sua interpretação foi de caráter crítico (cf. CORTI, 2007, p. 144).

Ao empreender um estudo sobre Santo Agostinho pode-se fazer alguns questionamentos. Por que Confissões é um dos seus livros mais importantes? Por que o tempo possui relevância no seu pensamento? Alguns estudiosos e comentadores do pensamento agostiniano podem ajudar a resolver esses questionamentos como diz Julião:

Em as Confissões, no livro XI, é apresentada aquela que talvez tenha sido, do ponto de vista filosófico - sem querermos minimizar a importância das suas teorias sobre a memória, o amor e o livre-arbítrio - a maior contribuição conceitual do seu autor para história da filosofia, a sua noção de tempo. Sabemos que, de modo geral, a concepção agostiniana de tempo contrasta com a visão clássica grega, compreendida como ciclo, uma vez que o cosmo era concebido como eterno em si mesmo, sempre se repetindo. Santo Agostinho, seguindo à tradição judaico-cristã - sem, contudo, abandonar certa discussão que havia se disseminado a partir de Aristóteles - tinha em oposição à visão circular clássica, uma ideia do tempo sucessivo, não cronológico, contrastando com a eternidade atemporal (JULIÃO, 2018, p. 411-412).

Em vista disso, percebesse o valor em estudar esse tema, pois as contribuições agostinianas em relação ao problema foram expostas em poucas páginas de sua obra. Contudo, isso não faz com que seu pensamento seja superficial, mas pelo contrário, demonstra a densidade e a coerência intelectual ao tratar de um tema. A temporalidade em Agostinho é um marco na história da filosofia, pois mesmo que esse tema já tenha sido falado por outros filósofos, ele dá uma característica inédita. Além disso, Agostinho, sendo um filósofo cristão, traz aspectos do cristianismo para o seu pensamento, pois ele busca sempre fazer a conciliação entre fé e razão. Esse tema também se torna importante para o estudo filosófico, pois nenhum dos filósofos antecessores de Agostinho tinham dedicado uma obra inteira para este assunto. Portanto, o livro XI da obra Confissões pode ser considerado um tesouro para o pensamento da temporalidade.

Pode-se perguntar, quais são as contribuições agostinianas acerca da temporalidade, que faz com que diversos filósofos, depois de muitos séculos, ainda recorram a ele, para pensar sobre este problema. E ainda como Agostinho pôde entender um problema filosófico a partir da fé? Muitos são os questionamentos que se levantam sobre esse assunto, no entanto, a busca de uma compreensão do pensamento agostiniano é necessária para o entendimento do porquê desse tema ser tão relevante para a filosofia.

1.1 AGOSTINHO E O TEMPO

Agostinho inicia sua investigação a partir da indagação: “o que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?” (*Conf. XI, 12,14*). Várias pessoas já se questionaram a cerca desse problema, muitas vezes pode-se pensar que é fácil respondê-la. Contudo, foi a partir dessa pergunta que ele escreveu o seu tratado sobre a temporalidade. Tal pergunta foi feita por um maniqueu, membro da seita da qual Agostinho pertenceu antes de sua conversão ao cristianismo. Para responder, ele parte do pensamento cristão, mostrando assim que sua racionalidade está pautada pela fé cristã.

Não é verdade que estão ainda cheios de velhice espiritual aqueles que nos dizem: “Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra? Se estava ocioso e nada realizava”, dizem eles, “por que não ficou sempre assim no decurso dos séculos, abstendo-se, como antes, de toda ação? Se existiu em Deus um novo movimento, uma vontade nova para dar o ser a criaturas que nunca antes criara, como pode haver verdadeira eternidade, se n’Ele aparece uma vontade que antes não existia?” A vontade de Deus não é uma criatura. Está antes de toda criatura, pois nada seria criado se antes não existisse a vontade do Criador. Essa vontade pertence à própria substância de Deus. Se alguma coisa surgisse na substância de Deus que antes lá não estivesse, não podíamos, com verdade, chamar a essa substância eterna. Mas, se desde toda a eternidade é vontade de Deus que existam criaturas, por que razão não são as criaturas eternas? (*Conf. XI, 10, 12*).

Ele compreende que Deus não fazia nada antes de criar o céu e a terra, pois o tempo também é uma criatura de Deus, portanto, Deus está na eternidade. Contudo, alguns se questionam de onde surgiu o movimento da vontade de Deus de criar as coisas da terra, que antes não existiam, seria ele uma criatura? A eternidade não existiria, pois isso seria um marco temporal? Agostinho explica que a vontade de Deus não é uma criatura, pois as criaturas nasceram da vontade de Deus, portanto ela é anterior às criaturas, porque ela faz parte da substância de Deus, por isso é eterna.

Agostinho apresenta a criação como *ex nihilo*⁵, ou seja, aquilo que é criado do nada. Para ele, Deus não poderia ter tirado tudo de sua substância, pois, a substância de Deus é infinita, imutável e, deste modo, não pode sofrer mudanças.

⁵ Criação ‘Ex Nihilo’ é o ato de trazer algo à existência a partir do nada. De acordo com a teologia tradicional cristã, Deus criou o mundo ex nihilo. Dizer que o mundo foi criado a partir do nada não significa que havia uma substância anterior não existente a partir da qual ele foi moldado, e sim que não havia coisa alguma a partir da qual Deus o trouxe à existência (AUDI, 2006, p. 298).

Mas o que é criar do nada? Deus não é como um construtor que se utiliza do material para construir algo, mas ele é o próprio criador da matéria que é utilizada para a construção, portanto, não existia nada e Deus decidiu criar tudo o que existe. Deus quis criar tudo por sua própria vontade⁶, e não se pode falar sobre nada anterior, pois, tudo surgiu da vontade de Deus. Agostinho concorda com Platão na concepção de que Deus criou tudo por sua bondade e, como diz nas Escrituras, ele viu que tudo era bom, pois, ele sendo bom, quis criar coisas boas. Nas Escrituras fala-se de um princípio de tudo (Cf. Gn 1,1). Este princípio é o começo de tudo, portanto, o tempo começou a existir junto com todas as outras criaturas, pois, assim como elas, ele é multável e não pode ser eterno⁷ (cf. GILSON, 2010, p. 357-360).

Agostinho busca responder à questão feita pelos Maniqueus, pois o pensamento deles divergia do pensamento cristão, como explana Correia:

Eles - os maniqueus - estavam querendo achar um Deus que em sua própria natureza é livre, por sua eternidade e soberania, preso aos mesmos caprichos de suas consciências. Sua maneira de entender esta questão estava completamente equivocada, jamais compreenderiam que, em certo sentido, "o princípio" não o é em relação a Deus e, sim, em relação às criaturas. Todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele. Em Deus não pode haver, e não há movimentos, pois isso é próprio da criatura finita e não do Criador infinito (CORREIA, 2006, p. 78).

Agostinho busca responder os questionamentos apontados pelos maniqueus, contudo, esse questionamento pode perdurar até a contemporaneidade. Desse modo, pode-se refletir: o tempo e a eternidade estão interligados? O problema da temporalidade pode ser resolvido quando ela é pensada enquanto eterna? No pensamento agostiniano, esses questionamentos encontram respostas que podem ser satisfatórias, ou então, pode-se encontrar mais questionamentos a cerca destes problemas.

1.2 O TEMPO E A ETERNIDADE

⁶ Se procuram conhecer a causa da vontade de Deus, a vontade de Deus é a causa de todas as coisas. Com efeito, se a vontade de Deus supõe uma causa, ha de ser algo que anteceda à vontade de Deus, e isso não se deve pensar. Portanto, àquele que diz: "Por que Deus fez o céu e a terra?" deve se responder: porque quis (...) Refreie a temeridade humana e não procure o que não existe a fim de que encontre o que não existe (*Sobre o Gênesis Contra os Maniqueus*, I, II, 4)

⁷ O tempo foi criado e não gerado, pois ele não possui a substância de Deus. Ele é multável e finito, diferentemente da substância de Deus que é Imutável e perfeita.

Muitas vezes “tentamos em vão transpor o problema do tempo em termos de eternidade” (GILSON, 2010, p. 361), contudo, Agostinho explana seu pensamento a cerca desse problema, pois para ele o tempo é mutável e a eternidade não muda, assim como também não se pode medir a eternidade comparando-a com o tempo, pois, “na eternidade, ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente” (*Conf. XI, 11, 13*). Na temporalidade o passado passa ao futuro e o futuro é precedido pelo passado, e ambos dimanam do presente. Portanto, a eternidade é sempre presente e não pode ser mutável, permanece sempre igual.

Deste modo, ao ser indagado pela pergunta, do que fazia Deus antes da criação, Agostinho pode responder de modo confessional:

Não houve nenhum tempo em que não fizésseis alguma coisa, pois fizésseis o próprio tempo. Nenhum tempo Vos são coeternos, porque Vós permanecéis imutável, e se os tempos assim permanecessem, já não seriam tempos (*Conf. XI,14*).

Deus permanece sempre na eternidade e o tempo é uma criação que emanou da vontade dele, portanto, não se pode falar de algo anterior à criação, pois, não existia temporalidade. Deus estabeleceu a temporalidade quando tudo criou, pois, somente ele é autor da criação. A eternidade é difícil de ser pensada, pois, o homem sempre pensa temporalmente.

O homem, o tempo e outras criaturas, possuem um começo e um fim, eles são mutáveis, contudo, “Deus é imutável e não comporta qualquer mudança; em relação a Deus não há antes nem depois, ele é, numa eternidade imóvel” (GILSON, 2010, p. 361). Portanto, a temporalidade não pode ser confundida com a eternidade, o homem vive ante um tempo e um espaço que foram criados por Deus. Desse modo, também não se pode pensar em espaço real fora do universo, pois, não se pode pensar em algo anterior ao céu e a terra. É impossível ao homem pensar algo atemporal e sem espaço, pois, a eternidade está além do pensamento humano.

Agostinho explana esse seu pensamento após acreditar que os maniqueus poderiam perguntar-lhe por que Deus criou o mundo em tal lugar do espaço e não em outro? Ele utiliza-se do pensamento cristão para responder esses questionamentos, contudo, ele faz uma junção entre fé e razão para que a fé nas

Sagradas Escrituras seja compreendida até mesmo por aqueles que não creem ou que pensam de modo diferente.

Mas se o tempo é uma criatura, qual é a relação dele com a mais perfeita criatura de Deus? Ele existe como ser independente do homem? A filosofia agostiniana acerca do problema da temporalidade traz novidades imprescindíveis para o pensamento sobre o tempo. Ele mostra como se dá a relação entre o homem e o tempo, quando o tempo existe, qual o seu modo de existência e qual a concepção da temporalidade.

1.3 O HOMEM E O TEMPO

A novidade apresentada por Agostinho é a noção do tempo que está no interior do homem. Portanto, o tempo não pode ser pensado ontologicamente, pois ele não existe por si próprio, mas é algo que está contido na humanidade. De tal modo que diz o tradutor de sua obra:

O tempo é um ser de razão com fundamento na realidade. Santo Agostinho estuda o tempo apenas sob o aspecto psicológico: como é que nós o aprendemos. Não estuda sob o aspecto ontológico: como é em si mesmo. Para este último caso, teria de o considerar como indivisível (*Conf. XI, 14, 17, Nota do Tradutor*).

O tempo é algo que é falado por muitas pessoas, todavia, poucas pessoas param para pensar sobre a sua existência, por isso Agostinho questiona: “O que é o tempo?” (*Conf. XI, 14*). Será que é possível explicá-lo de forma simples? Agostinho mostra a facilidade em compreendê-lo, mas também a dificuldade em explanar sobre esse assunto, de tal modo que ele diz:

Que é, pois, o tempo? Quem poderia explicá-lo clara e brevemente? quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos introduzir por palavras o seu conceito? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei (*Conf. XI, 14, 17*).

Essa dificuldade pode ocorrer, pois, o homem está envolvido com o tempo, essa relação entre homem e tempo acontece de modo estreito, de tal modo que o homem só pode pensar temporalmente. Porém, essa dificuldade iria desaparecer se

o homem pudesse olhar o tempo externo a ele. Segundo o pensamento de Agostinho isso seria impossível, pois, o tempo só pode existir enquanto interior ao homem. Apesar disso, pode-se questionar, o tempo realmente existe enquanto ser? Agostinho acredita que sim, entretanto, ele diz que o tempo não pode ser pensado como criatura independente do homem, um tempo que seja objetivo.

O pensamento agostiniano sobre o tempo, mostra que ele está presente na interioridade humana, e só pode ser observado pelos homens. Deus está na eternidade, ela é um contínuo presente, e deste modo não pode ser passado nem futuro, pois deste modo, mudaria e essa mutação faria com que ela não fosse mais infinita, ela seria temporal. Desta maneira, pode-se perceber que a eternidade não pode ser confundida com o presente o qual é pensado na contemporaneidade, pois o presente está interligado com o passado e o futuro. De igual modo, não se pode pensar em um tempo que seja exterior ao homem, ou que exista de modo independente, pois este foi criado por Deus para que esteja na consciência do homem. Este assunto será abordado de melhor forma nos próximos capítulos.

Para Agostinho, o homem é a única criatura que é capaz de perceber a temporalidade, por isso ela só pode estar no interior do homem. Nem mesmo os anjos, demônios, animais, plantas e outros seres vivos são capazes de perceber aquilo que se passa na interioridade humana⁸. De igual modo, o único que é capaz de perceber a eternidade é somente Deus, pois nenhum ser pode ser eterno, nem mesmo os números podem ser pensados como eternos. Deve-se ter uma diferenciação entre aquilo que é eterno e aquilo que é infinito, pois aquilo que é infinito tem um começo, e Deus que é eterno não possui um começo, ele não é temporal. Deste modo, se percebe que todos os seres criados, mesmo que não percebam a temporalidade, são finitos, pois todos têm um começo e terão um fim.

A cada passo que se dá ante o estudo temporal agostiniano, levantam-se mais questionamentos, dentre tantos pode-se abordar alguns: Como pensar a temporalidade que, diferentemente da eternidade, existe em três partições, passado, presente e futuro? Como se dá a relação entre esses modos de temporalidade? O tempo, na concepção de Agostinho, é pensado de igual modo pelos homens da

⁸ Isso se torna um problema na contemporaneidade, pois muitos biólogos acreditam que muitos seres vivos são capazes de perceber a temporalidade e, pois, eles passam por ciclos, que fazem com que haja modificações.

contemporaneidade? Para que buscar a compreensão dessas questões serão contínuos os estudos a cerca desse tema.

2 AS TRÊS DIVISÕES DO TEMPO

Nada é menos do que o momento presente, se por isso o indizível instante que separa o passado do futuro.

Henri Bergson

Agostinho de Hipona em sua obra, destaca as três divisões do tempo, deste modo, ele inicia uma investigação acerca da duração e existência destes. Essa tripartição temporal é o passado, o presente e o futuro. Entretanto, o filósofo diz que o passado sempre tende a não existir, pois, sempre deixa de ser. O futuro ainda não existe, ele ainda não aconteceu. O presente não tem duração e, deste modo, ele não pode ser medido. Santo Agostinho compreende que o presente só pode constituir-se em um instante indivisível, pois, não possui duração, e essa é a única forma de existência dele. Desta maneira, as três partições estão contidas no presente, de modo que o passado existe como lembrança e o futuro como expectativa (cf. GILSON, 2010, p. 365).

Essa tripartição possui grande importância no pensamento desse filósofo pois, somente por meio dela, ele pode compreender a forma de comparação e de medição do tempo, que é feita pelo homem. Por isso, serão explanadas às três formas do presente, pois, por meio dele, de seu momento indivisível, torna-se possível o entendimento da medição da temporalidade. Serão denominados como presente do passado, presente do presente e, presente do futuro.

Diante disso, é válido destacar a citação na qual o autor explana seu pensamento acerca da busca pelo entendimento dessa divisão:

É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois esses três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. Se me é lícito empregar tais expressões, vejo então três tempos e confesso que são três (*Conf.*, XI, 20, 26).

Pode-se perceber que Agostinho, em sua investigação, destaca o presente como sendo o único que torna possível o passado e o futuro, como existentes. Não se pode pensar em nenhuma dessas repartições sem analisar o presente, pois, elas estão contidas no mesmo. Estas três dimensões são inseparáveis, porque, estão

interligadas entre si. E deste modo, torna-se possível falar da existência dessas três formas do tempo. O patrístico em sua obra destaca o modo pelo qual existem essas três divisões, para abordar esse assunto será apresentado à leitura de um estudioso sobre o tema abordado:

Passado, presente, futuro. Numa conceituação geral e considerando a existência apenas do presente e os outros dois - passado e futuro - de forma inadequada, cabe conceituá-los, guardando as devidas proporções, como passado e futuro. 1. Passado é o presente dos fatos passados guardados no espírito, na memória, pelas impressões deixadas; 2. Presente é o fato presente que é a visão direta; 3. Futuro é a expectativa de algo que vai acontecer. Apesar das diversas considerações, pode-se falar em três tempos existentes (RODRIGUES, 1999, p. 97).

Em sua obra Agostinho diz que não faz uma afirmação, mas sim uma busca, portanto ele procura compreender a possibilidade de medição do tempo, visto que segundo ele, em sua análise, a formulação da medição do tempo, transmitida pelas gerações possui um grande erro. Ele destaca isso quando fala sobre a busca pela medição do presente, pois, segundo ele o presente sempre deixa de existir, portanto, não se pode medir o dia, pois, dentro dele se tem horas e dentro das horas se tem minutos, e dentro dos minutos se tem segundos e assim por diante, portanto o presente sempre se torna passado e o passado já não existe mais (cf. CORREIA 2006, p. 56).

Essa análise feita por Agostinho, torna possível a compreensão dada por seu pensamento da existência da tripartição do tempo que não estão separadas, estão unidas. Contudo, em sua obra ele destaca não só a existência destas, mas o modo pelo qual elas existem. Para essa explanação convém ler um trecho de uma das obras de um dos mais relevantes estudiosos de Agostinho no Brasil:

De certo modo, o presente está referido ao intelecto, o passado à memória e o futuro à vontade. É importante lembrar que as três faculdades operam conjuntamente, bem como recordar que essa concepção do tempo, radicada na consciência, reivindica a dimensão intencional da mesma consciência e do próprio tempo (HINRICHESEN, 2009, p. 172).

Após abordar esses pensamentos agostinianos acerca da busca do entendimento da divisão do tempo, convém explicar nos tópicos seguintes a compreensão do passado lembrado no presente, futuro esperado no presente e do presente enquanto presente. Dessa maneira, será visto que segundo o pensamento

desse filósofo, essa é a única possibilidade de existência desses três modos de partição do tempo.

2.1 O PASSADO LEMBRADO NO PRESENTE

Agostinho, em seus escritos sobre a temporalidade, deixa uma grande dúvida sobre a possibilidade da existência do tempo passado, pois, ele sempre tende ao não ser, ou seja, sempre deixa de existir. Contudo, esse pensador apresenta um modo pelo qual se torna possível a presença do passado no presente, por meio da lembrança. Esse modo de existência do passado é dado pela memória que faz com que as lembranças daquilo que já passou, permaneçam como presente.

Esse discurso, é destacado em um trecho de seu livro, no qual ele conta uma experiência de sua infância:

Ainda que se narrem os acontecimentos verídicos já passados, a memória relata não os próprios acontecimentos que já decorreram, mas sim as palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos, os quais, aí passarem pelos sentidos, gravaram no espírito uma espécie de vestígios. Por conseguinte, a minha infância que já não existe presencialmente, existe no passado que já não é. Porém a sua imagem quando a evoco e se torna objeto de alguma descrição, vejo-a no tempo presente, porque ainda está na minha memória (*Conf.*, XI, 18, 23).

Portanto, Agostinho apresenta o passado enquanto memória e, somente por meio dela, o passado se torna existente no presente. Rememora-se coisas que foram marcantes durante a vida e que já não são mais existentes, contudo, existem enquanto lembrança. Entretanto, vale recordar que esse acesso ao passado, por meio da memória, é muito importante para abordagens psicológicas⁹, que por meio da memória, buscam o tratamento para diversos traumas e relações problemáticas (cf. CORREIA, 2006, p. 61).

As imagens que ficam gravadas na memória, descrevem aquilo que já se passou, mas que sempre se torna presente, pois pode-se acessar sempre que se quiser. A memória torna perceptível aquilo que já não pode mais ser vivido pelo homem, por meio de experiências que estão gravadas no espírito. Desse modo,

⁹ Dentre tantas pode-se destacar a psicanálise freudiana, da qual fala um estudioso: Freud descobriu a eficácia de trazer o trauma inicial à consciência, liberando-o por catarse [...]. A terapia de regressão hipnótica, executada por um terapeuta capaz, primeiro coloca o paciente num estado hipnótico e depois dá a ele ferramentas necessárias para trazer luz a um incidente traumático. “Com frequência, o incidente ocorreu durante a infância” (BRIAN apud CORREIA, 2006, p. 61).

pode-se perceber que o passado só pode existir enquanto presente, pois, tudo que já se passou e que se passa a cada momento, são registrados na memória e se torna lembrança.

Agostinho reconhece a importância da memória, isso se torna perceptível no livro X da obra *Confissões* em que ele se dedica a explicar seu pensamento acerca desse conceito. A memória guarda em si não só imagens, mas também tudo aquilo que é abstrato, ou seja, aquilo que não tem sons, cheiro, gosto ou que não pode ser sentido pelo tato. Ela também retém em si experiências que só foram vividas uma única vez pelos homens. Portanto ela possui grande importância, pois, por meio dela o homem consegue acessar aquilo que não se pode mais ser vivido novamente (cf. *Conf. XI, 18, 23*).

A memória, para Agostinho é algo que está no interior do homem, ou seja, aquelas lembranças que por meio dos sentidos, ficam armazenadas em seu íntimo. Essas lembranças fazem com que cada pessoa possa torne presente momentos, pessoas, coisas que foram significativas em suas vidas. Deste modo é possível notar que Agostinho, percebe a memória como algo que está na interioridade do homem e não algo que é exterior. Ela é um palácio no qual tudo pode ser realizado. Nela podem ser conservadas imagens dos mais diversos objetos, sentimentos, afetos, pensamentos, que são adquiridos por meio dos sentidos. Por meio dela pode-se tornar presente pessoas que já partiram conhecimentos adquiridos, cheiros, sons e gostos de coisas que só foram experiências uma única vez. Portanto a memória é fundamental para a vivência do homem, ela pode ser comparada com um museu, onde são guardadas as mais valiosas obras.

Como foi visto, para Agostinho só existe uma forma de existência do passado, que é no presente. Desta maneira, essa é a única forma de chamá-lo por esse nome, pois na medida em que ele passa, ele torna-se memória. Isso pode ser notado na obra *Confissões* e em muitos estudos sobre o tempo agostiniano, como se vê nesse trecho de um estudo sobre a temporalidade baseando-se no pensamento de Agostinho:

O tempo passado é chamado assim de forma imprópria, porque também não existe enquanto fato real e é impossível falar de algo inexistente e caracterizá-lo em si; mas ainda assim é possível depreender algum esforço e falar do passado de forma dependente. À medida que a expectativa de tempo futuro se transforma em presente atual e este, como tem existência curta, deixa de existir como fato presente, neste ponto tem-se o passado,

não como tempo real e existente, mas como reminiscência de algo que não é o presente, e sim fragmentos, impressões transcorridas de forma rápida que ficam na memória e só através dela se pode falar em passado - ainda que de forma indevida - como tempo (RODRIGUES, 1999, p. 97).

Portanto o passado é lembrado no presente, e somente desta forma pode-se falar da sua existência, pois Agostinho não vê outra possibilidade de dizê-lo como tempo. O passado é a lembrança daquilo que marcou a memória do homem, desse modo, pode-se dizer que os fatos mais importantes da vida do homem existem enquanto ele puder lembrá-lo e fazer memória, que se torna presente.

Como pode ser notado durante a explanação desse assunto, tanto o passado, quanto o futuro, dependem do presente para existirem. Desse modo, será continuado esse estudo sobre o futuro no tópico a seguir, para que possa ser destacado a contribuição do pensamento de Agostinho nesse tema, mostrando, deste modo, a relevância de sua obra.

2.2 O FUTURO ANTECIPADO NO PRESENTE

Assim como o passado, o futuro só pode possuir existência no tempo presente, pois não se pode viver aquilo que ainda não existe, deste modo, o futuro existe somente enquanto premeditação. A ação ainda não ocorreu, mas pode ser pensada previamente antes de sua realização. E, deste modo o futuro torna-se antecipado por meio do presente.

O futuro é algo que os homens têm curiosidade de conhecer. Muitos buscam em práticas religiosas a previsão do futuro; fazem isso para que, dependendo da ocasião, possam tentar mudá-lo em seu presente. Essa ansiedade por aquilo que acontecerá, é aguçada por filmes e séries que demonstram um futuro que não depende do passado e nem do presente, e deste modo, fazem com que as pessoas fiquem alienadas no pensamento de um tempo que não existe, ou seja, que seja desassociado do tempo presente (cf. CORREIA, 2006, p. 64).

Agostinho em sua busca por entender o tempo futuro, apresenta a única forma de existência deste, que se dá por meio da antecipação daquilo que irá acontecer, que ocorre quando se há expectativa daquilo que ainda será realizado. Para melhor ilustrar esse pensamento, faz-se necessário ler um trecho que aborda o assunto em discussão.

O tempo futuro não é nem longo, nem breve, já que não pode caracterizar aquilo que não existe e se se diz tempo futuro é somente de forma imprópria. Mas o fato merece maior explicação. O futuro, também indivisível, é retirado da experiência presente, da realidade, da percepção das coisas que são transformadas em expectativas de tempo presente; à medida que as expectativas vão vindo do futuro e materializando-se, consumindo-se, deixam de ser futuro e assumem o estado de ato ou tempo presente, que são futuros enquanto estão na expectativa de acontecerem. É neste ponto que reside sua existência (RODRIGUES, 1999, p. 97).

Deste modo, percebe-se que o pensamento agostiniano acerca do futuro possui semelhança com sua abordagem sobre o passado, pois ambos não possuem durabilidade grande ou pequena, pois, só existem enquanto presente. De tal maneira que se pode dizer que o futuro, na perspectiva da esperança, existe no presente. Portanto essa esperança é a previsão daquilo que não aconteceu, mas que acontece por meio da expectativa.

Assim como na explanação sobre o pensamento do presente do passado, Agostinho utiliza de um exemplo para auxiliar na compreensão do futuro do presente. Seu modo de elucidar faz com que seu ensinamento se torne acessível àqueles que desejam estudá-lo. Será apresentado um breve trecho da obra *Confissões* que discorre sobre isso:

Vejo a aurora e prognostico que o sol vai nascer. O que vejo é presente, o que anuncio é futuro. Não é o sol que é futuro porque esse já existe, mas sim o seu nascimento que ainda não se realizou. Contudo, não poderia prognosticá-lo sem conceber também, na minha imaginação, o mesmo nascimento, como agora o faço quando isto declaro. Mas nem aquela aurora que eu vejo no céu e que precede o aparecimento do sol, nem aquela imagem formada no meu espírito, são o mesmo nas cimento do sol, ainda que, para se predizer este futuro, se devam enxergar a aurora e a sua imagem como presentes (*Conf.*, XI, 18, 23).

Percebe-se que no pensamento agostiniano sobre o tempo futuro, o filósofo tem uma certa dificuldade, pois diferente do passado, que existe enquanto memória, ele não compreende bem de onde essa imagem provêm (cf. CORREIA, 1999, p. 64). Dessa forma, pode-se dizer que “o futuro preexiste, de algum modo, sob forma de uma espera fundada na percepção atual das causas presentes” (GILSON, 2010, p. 365).

Contudo, pode-se destacar que “torna-se, pois, claro que S. Agostinho ao falar dum «*futurum*» pensa sempre apenas naquela distância temporal que separa um acontecimento ainda não sucedido, do «agora», do «hoje», etc. e não na

extensão entre o amanhã e o depois de amanhã” (HAEFFNER apud MAGALHÃES In: HIRICHESEN 2014, p. 91). Portanto, Agostinho busca o futuro naquilo que irá acontecer e não no pensamento dos dias, das horas, ou dos minutos que hão de vir. Essa visão do presente traz no futuro a expectativa dos acontecimentos que poderão acontecer, mas que já acontece no pensamento daquele que imaginam o futuro.

Para Agostinho o futuro está na interioridade do homem, por meio da expectativa, daquilo que virá, ela se dá por meio dos conteúdos que estão presentes na memória e que se tornam possíveis no tempo presente. Ela é a esperança daquilo que o homem anseia no agora, e deste modo e só pode ser existente no presente, naquela visão que se tem da espera do que há de vir. Por meio dessa esperança, que se dá no presente, são idealizados sonhos, metas e objetivos, que só existem no agora e logo se tornam memória.

Assim como foram explanados os pensamentos sobre o tempo passado e futuro, será abordado no próximo tópico, o tempo que para Agostinho era o mais importante entre os demais, o tempo presente. Ele é destacado pois, sem ele os demais não iam possuir existência. Portanto a seguir estará exposto a análise agostiniana sobre esse assunto.

2.3 O PRESENTE DAS COISAS PRESENTES

Agostinho em sua obra busca a compreensão do tempo, sua duração e medição, deste modo, ele procura entender o que é aquilo que é denominado como tempo presente. Ele busca entender se o tempo presente realmente existe e se ele é longo ou breve. Para isso ele faz uma análise utilizando-se do pensamento da duração de cem anos. Considerando que os cem anos são presentes. No decorrer do primeiro ano, ele é presente e os outros noventa e nove são futuros, deste modo eles não possuem existência. Contudo, se estiver no segundo ano de decorrência, o primeiro ano é passado, o segundo é presente e os demais são futuro e como já foi dito, o passado e o presente não existem. Desta maneira, Agostinho compreende que cem anos não podem ser ditos como presentes. Da mesma forma que um ano não pode ser presente, pois possui doze meses, e os meses possuem dias, e os

dias possuem horas, e as horas possuem minutos e os minutos possuem segundos; e assim por diante.

Agostinho diz em sua obra, que o tempo presente não possui duração, pois ele não possui divisão e, deste modo, está unido ao passado e ao futuro, que só existem nele:

Se pudermos conceber um espaço de tempo que não seja susceptível de ser subdividido em tais partes, por mais pequeninas que sejam, só a este podemos chamar tempo presente. Mas este voa tão rapidamente do futuro ao passado, que não tem nenhuma duração. Se a tivesse, dividir-se-ia em passado e futuro. Logo o tempo presente não tem nenhum espaço (*Conf.*, XI,15, 20).

Portanto, o tempo presente a todo momento deixa de existir, pois torna-se passado e ao mesmo tempo torna-se futuro. Então, pode-se questionar o que é o presente das coisas presentes? Ele realmente existe? Ele pode ser medido? Para ajudar a refletir essas perguntas se utiliza um pensamento de Sulter, sobre a “Concepção do tempo segundo Santo Agostinho”, no qual ele destaca a compreensão agostiniana sobre o tempo presente:

Santo Agostinho conclui, portanto, que apenas um instante indivisível do tempo pode ser chamado de presente. Mas, então ele lamenta que o presente não tenha duração e, portanto, o tempo não possa ser medido. Do presente adimensional e da inexistência do passado e futuro, ele chega à surpreendente conclusão de que não parece haver nenhum tempo que possa dizer que tenha duração ou ser que possa ser medido. Mas o fato é, continua Santo Agostinho, que comparamos e medimos intervalos de tempo, dizendo que uns são mais longos e outros mais curtos, que um é o dobro do outro, etc (SULTER, 1965, p. 101).

Contudo, esse comentador também destaca que para Agostinho é possível falar sobre a existência do presente das coisas presentes, no qual ele denomina como visão. De igual modo, ele também diz que no pensamento agostiniano o tempo presente pode ser mensurado na medida em que ele for passando, ou seja, o tempo não pode ser medido no passado ou no futuro, pois eles não existem (cf. SULTER, 1965, p. 102).

Pode ser dito que o tempo presente é privilegiado, pois somente ele pode ter existência no agora. Diferentemente do futuro e do passado que só podem possuir existência enquanto estão no presente. Portanto, vale destacar a contribuição de um

estudante sobre o tema, no qual ele aborda o pensamento acerca do tempo presente:

O tempo presente só existe no ato em que este transcorre, e de forma breve ou longa porque a atuação não pode ter longevidade, senão irá além do ato presente vivido para não se constituir em outra modalidade de tempo, assim de forma imprópria. O presente é o único tempo de fé que existe por ser aqui e agora' e é indivisível em sua existência; indivisível enquanto atuação no momento em que se materializa no ato da existência (RODRIGUES, 2006, p. 96-97).

De fato, pode-se perceber que o presente, ou esse momento indivisível, não pode permanecer estático, pois deste modo, seria eternidade. Ele deve ser dispensado para que a cada momento torne-se um novo presente, que se renova sempre. Isso nos diz Gilson ao abordar o pensamento agostiniano sobre o tempo, como se destaca no trecho abaixo:

O presente indivisível não deixa de se dissipar para ceder lugar a um outro, de modo que, em qualquer proporção que a duração dele seja estendida, o tempo se reduz ao impermanente, cujo ser, composto de uma sucessão de instantes indivisíveis, permanece alheio, por definição, à imobilidade estável da eternidade divina (GILSON, 2010, p. 364).

Portanto, para Agostinho, o tempo presente é aquele que existe pois torna possível a existência dos demais “passado e futuro”. Por isso percebe-se uma grande união entre ambos, e deste modo o tempo pode ser tripartição, mas não deve ser separado. De tal forma que nos diz um estudioso: “De facto, é pelo presente que passam o passado e o futuro não permitindo que qualquer deles se torne avulso” (GONÇALVES, 2001, p. 774).

Para Agostinho o presente das coisas presentes se dá pela percepção daquele instante indivisível que não é medido, portanto para sua medição não se torna possível, contudo, diferentemente do passado e do futuro, o presente é imensurável. Deste modo, deve-se compreender que essa percepção é o agora que não pode ser antes e nem depois. No entanto, é por meio dela que se adquire conteúdos para a memória e para a expectativa.

Esta análise do tempo agostiniano perdura na tradição católica, pois nas celebrações os crentes fazem memória do momento da última ceia, na qual Cristo instituiu a eucaristia, ou seja, eles fazem com que o passado se torne presente, revivem aquele momento por meio do mistério eucarístico. Este foi um mandato do

próprio Cristo: “fazei isto em memória de mim” (LUCAS 22,19). Neste rito também é possível perceber a expectativa do futuro, pois neste ritual tem-se a percepção daquilo que os cristãos creem que irão viver na eternidade.

Neste estudo foi apresentado a possibilidade de existência do passado que existe enquanto lembrança, do presente que existe enquanto visão e do futuro que existe enquanto expectativa. Como foi destacado, no pensamento agostiniano em relação ao tempo, essa tripartição que é feita por todo ser humano e que é passada de geração em geração, possui um grande problema, pois, muitas vezes se separa os três tempos e faz com que cada um se torne independente do outro. Contudo, no pensamento agostiniano, isso é impossível, pois ambos só existem por meio da dependência de um para com o outro.

Deste modo, é perceptível a existência do tempo, entretanto, pode-se questionar: onde está o tempo? Como posso medi-lo? O tempo é um movimento dos corpos? Para compreender estes questionamentos requer um aprofundamento sobre a concepção agostiniana sobre esse assunto abordado em sua obra. Portanto, o capítulo a seguir continuará essa pesquisa tendo em vista não apenas buscar respostas para os questionamentos, mas também encontrar mais indagações provocadas pela obra de Agostinho.

3 A MEDIÇÃO DO TEMPO

O mundo se move dentro da alma e não há certamente outro lugar se não na alma
Platão

Para o pensamento Agostiniano o tempo só pode ser medido enquanto ele passa, pois é em sua decorrência que ele é perceptível. Contudo, se sabe que o tempo é um mistério, só se conhece aquele instante indivisível, ou seja, o presente das coisas presentes. Desse modo, bem se sabe que o tempo não pode ser curto ou longo, pois desta maneira ele não seria mais tempo. Agostinho prevendo que alguém poderia fazer-lhe uma pergunta, indaga-se a si mesmo se alguém perguntasse como ele sabe que o tempo só pode ser medido enquanto ele passa e respondendo, ele diz que “sei-o porque o medimos” (*Conf. XI, 21, 27*) e diz que não se pode medir aquilo que não existe, desse modo, ele faz referência ao passado e ao futuro que não existem independentes do presente.

Assim pode-se questionar como Agostinho: “mas donde se origina ele? Por onde e para onde passa, quando se mede? Donde se origina ele senão do futuro? Por onde caminha, se não pelo presente? Para onde se dirige senão para o passado?” (*Conf. XI, 21, 27*). Para essas indagações vale seguir o pensamento agostiniano, no qual diz que o tempo nasce naquilo que ainda não possui existência, atravessa aquilo que necessita de dimensão, para ir para aquilo que não existe mais, desse modo ele relembra o futuro, presente e passado. Contudo, não é desse modo que o tempo pode ser medido, pois não se pode medir o que ainda não existe, o que não tem extensão e aquilo que não existe mais.

Agostinho percebe a dificuldade em falar sobre este problema e, desse modo, ele problematiza o modo de medição do tempo. Porém, além deste problema ele traz algo que acontece até mesmo na contemporaneidade, que muitas vezes se fala do tempo, mas pouco se sabe sobre ele, pois ele é um grande problema que deve ser pensado:

Falamos do tempo e mais do tempo, dos tempos e ainda dos tempos. Andamos constantemente com o “tempo” na boca: “Por quanto tempo falou este homem?” “Quanto tempo demorou fazer isto?” “Há quanto tempo não vejo aquilo?” “Esta sílaba tem o dobro do tempo daquela sílaba breve.” Dizemos e ouvimos semelhantes expressões. Outros compreendem-nos e nós compreendemo-los. São palavras muito claras e muito ordinárias, mas

ao mesmo tempo bastante obscuras. Exigem por isso, uma nova análise. (*Conf. XI, 22, 28*).

Conseqüentemente, percebe-se que para Agostinho o tempo não é pensado como algo objetivo, por isso, ele busca um novo entendimento e uma forma de medição do tempo.

3.1 O TEMPO É UM MOVIMENTO DOS ASTROS?

Para entender a medição do tempo Agostinho busca a compreensão da sua existência, assim sendo, ele analisa se o tempo existe como movimento dos astros, do sol e da lua.¹⁰ Essa hipótese demonstra um tempo que é exterior ao homem e faz com que o tempo seja suscetível ao movimento dos astros, desse modo o tempo só poderia ser medido enquanto os astros se movessem. Após analisar ele chega à conclusão de que esta hipótese não pode ser verdadeira, pois os astros não podem interferir na temporalidade e, por isso, mesmo que os astros parassem, as demais coisas iriam continuar se movendo e haveria tempo para poder medir normalmente o movimento das coisas. Para explicitar esse pensamento ele recorda a passagem bíblica no qual o astro é parado, porém, o tempo continua:

Ninguém me diga, portanto, que tempo é o movimento dos corpos celestes. Quando, com a oração de Josué, o Sol parou, a fim de ele concluir vitoriosamente o combate, o Sol estava parado, mas o tempo caminhava. Este espaço de tempo foi o suficiente para executar e para pôr termo ao combate. Vejo, portanto, que o tempo é uma certa distensão. Vejo, ou parece-me que vejo? Só Vós, Luz e Verdade, mo demonstrareis (*Conf. XI, 23, 30*).¹¹

Portanto, ele mostra a diferença entre tempo astronômico, tempo metafísico e tempo psicológico. Para seu pensamento ele compreende o tempo como

¹⁰ “Assim o afirmava Erastóstenes: “O tempo é o curso do Sol”. Igual teoria se atribuiu a Platão no livro *Timeu*. A este se refere no texto” (N. do T., 223).

¹¹ “No Livro de Josué, Deus detém o curso do Sol e da Lua, imobilizando-os para uma batalha virtuosa ser completada. É notável que, no contexto do livro XI das *Confissões*, essa passagem produza uma guinada no texto. Até esse ponto, Agostinho refutava as teorias que definiam o tempo a partir dos movimentos solares. A partir dessa menção a Josué, Agostinho não deixa dúvidas sobre quem comanda o tempo: Deus, criador e senhor do tempo. Deus pode inclusive parar o tempo cronológico, parar o curso dos astros, para que os seres humanos ajam na história em uma outra temporalidade. O intuito dessa atitude divina, segundo o texto de Josué, é viabilizar que se complete uma guerra difícil, porém justa (porque comandada por Deus)” (AYOUB, 2021, p. 27).

psicológico, ou seja, o tempo que seja algo interior, logo, o tempo não pode ser astronômico ou metafísico, pois não pode estar exterior ao homem.

Assim sendo, ele continua a busca pela compreensão da medição do tempo procurando analisar se o tempo pode ser um movimento. Com isso, pode-se indagar: o tempo está presente no homem, portanto, ele é um movimento? A teoria de Aristóteles é útil para o pensamento agostiniano de temporalidade? Esses questionamentos são essenciais para que se perceba a diferenciação do pensamento agostiniano de temporalidade das demais conceituações que já existiam.

3.1.1 O tempo é um movimento?

Agostinho busca uma investigação se o tempo deve ser entendido como duração ou como movimento e para isso ele analisa o pensamento de que a temporalidade é o movimento. Com isto, percebe-se que essa afirmação lembra o pensamento de Aristóteles, que acredita que o tempo é um movimento contínuo (cf. SÁ, 2011, p. 102). Como diz Gilson:

Para resolver esse problema, propôs-se identificar o tempo ao movimento. Ao admitir essa solução, que parece uma simplificação excessiva da solução de Aristóteles, a dificuldade desaparece, pois, se o tempo é apenas movimento, é claro que o movimento pode ser para si mesmo a sua medida e, conseqüentemente, sempre se poderá medir o tempo com o tempo, o movimento com o movimento. Mas outra dificuldade, muito mais grave, aparece: o movimento de um corpo é essencialmente seu deslocamento entre dois pontos situados no espaço; ora, esse deslocamento espacial permanece o mesmo, qualquer que seja o tempo gasto pelo corpo para efetuá-lo (GILSON, 2010, p. 366).

Portanto, a partir do princípio de que o tempo é o movimento Agostinho analisa se esse movimento seria o movimento dos corpos, já que ele anulou a hipótese de que o tempo seria o movimento dos astros. Porém, ele também vai contra essa possibilidade, pois o tempo continua mesmo se os corpos parassem, contudo, ele diz que os corpos só podem se mover no tempo, entretanto, o que se mede é a duração do movimento. De tal modo constata-se que:

Ao refletir-se ao movimento dos corpos, conclui que é impossível saber o movimento em si de um qualquer corpo, mas antes a duração que o mesmo leva desde que o observei pela primeira vez, até terminar essa mesma

observação, independentemente de ter assistido ao iniciar ou findar do movimento do corpo. E a quantificação desta observação nunca é possível em si, pois que é sempre realizada em recorrência a outras observações: só sabemos que um tempo é curto ou longo por analogia com um padrão temporal que tenho estabelecido na minha consciência. A opção pelo alargamento da definição é assim óbvia, pois o tempo não pode ser o movimento de um corpo, mas antes a medida da duração do mesmo (MAGALHÃES, p. 174).

Vale recordar que para o pensamento agostiniano só é possível medir o tempo enquanto ele passa, por isso, quando se analisa o movimento dos corpos só pode ser medida sua duração enquanto ele está movendo. Portanto, uma coisa é o movimento e outra coisa é o tempo, pois o tempo não pode parar, já os corpos podem parar seus movimentos. E mesmo que os corpos parem, o tempo poderá continuar sua medição, de igual modo ele também irá medir independentemente da velocidade dos movimentos. Assim sendo, o pensamento de Agostinho diverge do pensamento de Aristóteles, pois não se pode medir o tempo com o movimento, o que se mede é somente a duração.

Porém, com esta resolução surgem mais problemas, dentre os quais Agostinho busca respostas. Já ficou entendido que o tempo é que mede o movimento e não o contrário, como se pode medir o tempo? Com ele próprio? Gilson responde em sua obra:

Sim, em certo sentido, pois pode-se medir a duração de uma sílaba longa com a de uma breve, ou a de um poema com o número de versos que ele contém, versos que, por sua vez, se medem pelo número de pés, a duração de seus pés, pelas das sílabas, e, enfim, a das sílabas longas, pela das breves. Mas, aqui também, falamos de quê? Se se tratasse de uma distância sobre o papel, seria o espaço que mediríamos, não o tempo. Se se trata de versos pronunciados pela voz, a dissociação do tempo do movimento reaparece sob outra forma, pois um verso curto pode ser pronunciado de maneira a durar mais tempo do que um verso longo, e vice-versa. O mesmo ocorre com um poema, de um pé ou de uma sílaba, deve-se buscar a medida deles neles mesmos (GILSON, 2010, p. 367).

Portanto, o tempo só pode ser medido em si mesmo e, por consequência, não há possibilidade de ele existir fora do homem, mas somente em seu interior. Apesar disso, onde ele está? Como ele percebe aquilo que está fora? O tempo realmente existe? O pensamento de Agostinho sobre o tempo encontra seu ápice neste momento, pois estas questões são fundamentais para a construção da novidade apresentada por ele.

3.2 O TEMPO E O ESPÍRITO¹²

Toda a teoria agostiniana sobre o tempo deve ser pensada na relação do homem com o tempo, por isso, Agostinho apresenta a única forma de existência do tempo, que se dá na alma. Assim sendo, ele apresenta o tempo como distensão da alma, ou seja, a alma é responsável por tudo aquilo que é temporal. Por isso é importante enfatizar que “o tempo existe por causa de nossas consciências, isto é, não existindo homem, não existindo sua consciência, o tempo não mais existirá, por que é lá que unicamente existe o tempo” (CORREIA, 2006, p. 16). É nela que o tempo é medido e somente nela pode ser percebido o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes e o presente das coisas futuras.

Desse modo, Agostinho apresenta como o tempo pode ser medido e o modo pelo qual a memória, a visão e a expectativa estão na alma:

Em ti, ó meu espírito, meço os tempos! Não queiras atormentar-me, pois assim é. Não te perturbes com os tumultos das tuas emoções. Em ti, repito, meço os tempos. Meço a impressão que as coisas gravam em ti à sua passagem, impressão que permanece, ainda depois de elas terem passado. Meço-a a ela enquanto é presente, e não àquelas coisas que se sucederam para a impressão ser produzida. É a essa impressão ou percepção que eu meço, quando meço os tempos. Portanto, ou esta impressão é os tempos ou eu não meço os tempos (*Conf. XI, 27, 36*).

Neste modo de pensamento da existência do tempo, se percebe que o espírito é o portador de toda a temporalidade, portanto, nele se tem a percepção de tudo aquilo que passa. Aquilo que passa permanece enquanto memória, que no pensamento agostiniano ela é entendida como um tesouro no qual estão armazenados todos os pensamentos, experiências e vivências do homem. Na consciência também se tem a visão daquilo que está acontecendo que Agostinho denominou como presente das coisas presentes. Nela ainda está a expectativa daquilo que possivelmente irá acontecer. Por isso, não se pode falar de três tempos, pois só existe um que é aquele que contém as formas de percepção que é dada pela alma. Em vista disso, pode-se dizer que “mente, alma, espírito, são sempre designações utilizadas por Agostinho, quando afirma exaustivamente: o tempo, ou

¹² Deve-se entender espírito, mente e alma com o mesmo sentido, pois Agostinho utiliza-se das três formas para falar sobre a mesma coisa. Porém, deve-se levar em conta que muitos estudiosos sobre esse tema também utilizam o termo consciência para falar sobre aquilo que contém o tempo (cf. CORREIA, 2006, p.18).

pelo menos a percepção do tempo, existe e é interior ao homem” (CORREIA, 2006, p. 18).

Para melhor explicitar a percepção da temporalidade que está na mente humana e para que se veja que o passado, presente e futuro não estão tripartidos, mas que na alma possuem unificação, Agostinho utiliza-se do exemplo da recitação de um hino que ele já conhecia. No momento que ele inicia a recitação, sua memória relembra o hino, passando daquilo que é passado para o futuro. A expectativa também surge no momento que ele começa a recitar. A atenção que ele dá está no presente, pois o presente se dá naquele instante que ele recita. Ao passo que vai chegando ao fim da recitação, a memória se alarga e a expectativa se abrevia, até que ela se torne totalmente lembrança daquele hino que foi recitado. Isso igualmente ocorre em toda a vida do homem, em cada ação praticada, em cada palavra falada, em cada gesto realizado é percebido pela temporalidade. Portanto, não se pode pensar em algo que separe a temporalidade em três formas, pois passado, presente e futuro ocorrem juntos e não podem acontecer individualmente (cf. *Conf.* XI, 28, 38).

Além disso, a reflexão da filosofia agostiniana acerca do tempo é pensada no âmbito da existência do homem, porque toda a vida humana é vivida no tempo. O homem possui sua existência no presente, rememorando a todo instante aquilo que já viveu e na expectativa daquilo que ainda viverá. Para melhor compreender, pode-se pensar no exemplo da recitação da canção. A vida do homem passa enquanto a canção é recitada, ele tem expectativa daqueles versos que ainda serão recitados e ao mesmo tempo guarda em sua memória aqueles que já foram recitados. Então, quando chegar ao fim da sua vida, recordará de tudo aquilo que ele recitou e assim saberá toda a canção. Por isso, Hinrichsen em seu estudo sobre a temporalidade agostiniana diz:

Nos dramas expressivos e nas ambiguidades de uma liberdade por resolver-se, na existência de cada ser humano, por conseguinte, como já foi dito, vemos antecipado o futuro escatológico de todos os filhos do homem. Entretanto, essa antevisão da canção ou da melodia, da vida individual ou da história da humanidade, é antevisão precária, por resolver-se no tempo. Somente compreenderemos o sentido da canção ou da melodia, quando ela tiver sido completamente executada. Analogamente, o significado da vida de cada ser humano somente será entendido, quando sua existência tiver ocorrido por completo. Da mesma maneira, só compreenderemos o sentido da história humana na consumação que acontecerá para além de todos os tempos. No entanto, no processo de *intentio-distentio-attentio*, antevemos e gozamos, como na canção, a beleza e bondade que a todos é prometida. E

através de nossas ações e da totalidade de nossas vidas, podemos acrescentar cor, intensidade e beleza à grande canção da criação, cujos acordes finais serão executados no futuro escatológico, quando da consumação dos tempos (HINRICHSEN, 2009, p. 175-176).

Assim, pode-se compreender que o homem vive de acordo com o tempo que está no seu interior, pois a durabilidade ou a medição é feita pela alma que percebe aquilo que está fora dela. Esta é a distensão da alma, uma contínua relação do passado e do futuro que se encontram no presente. Porém, a relação findará quando a existência do homem se consumir.

3.4 O tempo interior

É possível reconhecer que a novidade do pensamento agostiniano é a constatação de que o tempo existe enquanto interior ao homem e, simultaneamente, pode-se entender que ele existe subjetivamente. Bem se sabe que Agostinho não conceituou o tempo deste modo, e que o conceito de subjetividade surgiu na história da filosofia somente no período moderno. Todavia, muitos estudiosos que fazem uma leitura contemporânea da obra agostiniana acreditam que nessa teoria a temporalidade pode ser entendida de modo subjetivo, aquilo que Agostinho entendia como tempo existente na interioridade, pois o tempo existe enquanto distensão da alma, e bem se sabe que para Agostinho a alma é individual.

Contudo, vale recordar que para se chegar a essa constatação, a discussão da temporalidade no pensamento agostiniano partiu da indagação dos maniqueus, que entendiam o tempo como objetivo, ou seja, um tempo que fosse exterior ao homem e que existisse antes da criação do mundo. Mas, Agostinho descartou tal possibilidade de existência de um tempo que fosse anterior à criação, porque assim ele seria tempo e não eternidade. Não obstante há alguns estudiosos da problemática do tempo que acreditam que o tempo existe exteriormente ao homem, mas isso é impensável segundo o pensamento agostiniano como relata um estudioso do tema:

Assim como esse tempo não causa nenhuma mudança e não possui nenhum efeito em Deus e para Deus, também não o faz em relação a uma pedra, que não tem consciência de si, nem ainda para os animais. Sendo assim, o tempo só tem alguma importância para o homem; disso decorre que se “queremos” ter um tempo criado, teremos que enxergá-lo como uma

criação indireta, isto é, o tempo não é um “ser” como o homem, mas um “ser” no homem (CORREIA, 2006, p. 20-21).

Em decorrência disso, entende-se que a filosofia da temporalidade que é proposta por Agostinho é de um tempo psicológico que existe na consciência do homem e não um tempo ontológico que é pensado no ser enquanto ser. Também pode-se perceber que a distinção entre tempo e eternidade é bem clara para Agostinho, pois Deus é imutável e por isso permanece sempre na eternidade. Na abordagem deste problema também aparecem as pedras e os animais, no qual se fala que o tempo não causa nenhuma mudança para eles, pois o tempo não existe neles e para eles, mas sim no homem e para o homem.

Portanto, o tempo segundo a teoria agostiniana pode ser entendido como tempo interior, tempo do espírito, tempo da alma, ou tempo subjetivo, são tantos os adjetivos que indicam este modo de temporalidade, contudo, tempo e alma não podem ser entendidos como equivalentes, pois não são. O tempo é a percepção que distende da alma e que nela grava as impressões daquilo que é exterior, fazendo assim com que se tenha uma expectativa daquilo que irá acontecer. A alma é onde tudo isso ocorre, ou seja, ela é o interior do homem, a sua consciência.

O homem está essencialmente ligado ao tempo e ele está contido no interior do homem. Por isso o homem só pode pensar temporalmente, e a eternidade é impensável para aquele que deseja entendê-la, desse modo fala Gilson:

Para conceber a eternidade, não bastaria imaginar o universo como um canto familiar, cuja consciência imensa sempre saberia exatamente em qual ponto de seu desenvolvimento ele se encontra. Deus subsiste além de tal pensamento, ele é o criador de todo pensamento; pois para ele não há nem passado nem futuro, mas um conhecimento de coisas indivisível e uno, como o ato mesmo pelo qual ele as criou. É de se esperar, portanto, que o estudo desse ato guarde dificuldades extremas a quem tentar examiná-lo (GILSON, 2010, p. 369-370).

O homem sempre pensa temporalmente e dentro de um espaço, desta maneira ele não pode pensar algo que seja eterno e fora de um espaço. Por isso, o tempo psicológico apresentado por Agostinho não pode ser confundido com a eternidade, pois ela é sempre presente. Nela não se tem passado nem futuro, e seu presente é permanente.

Muitos estudiosos agostinianos falam que este modo de temporalidade é uma grande novidade no pensamento sobre o tempo, porém, bem se sabe que na

história da filosofia se tem um fio condutor, no qual os filósofos fundamentam-se do pensamento de outros filósofos para a construção do seu próprio pensamento. Isso ocorre até por aqueles que se opõem ao pensamento do outro que criticam. Por isso, pode-se perguntar: De onde surgiu esse pensamento agostiniano? Ele pode ser considerado uma novidade?

3.3 UMA NOVIDADE AGOSTINIANA?

Para aqueles que desejam estudar a temporalidade agostiniana sempre é perceptível a dificuldade em fazer uma investigação sobre esse tema, pois o próprio Agostinho fala em sua obra sobre a dificuldade que traz a compreensão da temporalidade. Porém quando se tem o entendimento da proposta de Agostinho, surge uma admiração por esse assunto que é abordado de forma tão intensa por ele:

Pelo que, pareceu-me que o tempo não é outra coisa senão distensão; mas de que coisa o seja, ignoro-o. Seria para admirar que não fosse a da própria alma. Portanto, digei-me, eu do Vo-lo suplico, meu Deus, que coisa meço eu, quando declaro indeterminadamente: "Este tempo é mais longo do que aquele", ou quando digo determinadamente: "Este é duplo daquele outro"? Sei perfeitamente que meço o tempo, mas não o futuro, porque ainda não existe. Também não avalio o presente, pois não tem extensão, nem o passado, que não existe. Que meço eu então? O tempo que presentemente decorre e não o que já passou? Assim o tinha dito eu (*Conf.* XI, 26, 33).

Enfim, muitas vezes acontece de se pensar que este modo de compreensão é uma novidade no pensamento filosófico. Pois o tempo nunca tinha sido tratado como algo interior ao homem¹³. Contudo, vale recordar que alguns dos estudiosos desse tema atribuem essa novidade ao pensamento de Plotino que pensou o tempo como distensão do espírito, porém ele não falava desse mesmo espírito pensa do por Agostinho. Ele pensou em um espírito cósmico, assim como nos fala uma estudiosa do tema:

A definição do tempo como distensão do espírito parece retomar uma fórmula de Plotino, que caracterizara o tempo como distensão da vida da alma cósmica. É importante assinalar que Agostinho não se contentará com

¹³ Para Gilson o pensamento de interioridade dado por Agostinho, é uma importante contribuição para o pensamento filosófico, de tal modo que ele diz: "Pôde-se notar a predileção pela análise dos dados da vida interior. É um de seus maiores dons é como que a marca de seu gênio" (GILSON, 1995, p. 149).

essa fórmula. A distensão do espírito será ainda duplamente superada, na intensão e na extensão do espírito, isto é, na busca da unidade consigo mesmo e na busca da unidade com o princípio eterno (AYOUB, 2010, p. 49).

De certa forma, é possível identificar a presença pensamento de Plotino na filosofia de Agostinho, entretanto, ele deu uma nova perspectiva. Isso pode ser considerada uma novidade, pois aquilo que Agostinho mais buscou em sua obra foi mostrar a relação do homem com o tempo de tal modo que ele intitulou o livro XI como “o homem e o tempo”. Por isso a temporalidade está na interioridade do homem e não fora dele. É ela quem percebe aquilo que está fora e por isso pode-se falar que o tempo na perspectiva agostiniana recorda a doutrina de Plotino, mas após uma mudança naquilo que é essencial.

De fato, evidencia-se uma apreciação que o pensamento agostiniano traz para toda a história da filosofia, pois muitos filósofos contemporâneos fizeram como ele, se partindo de um pensamento anterior, mas abonando com novos aspectos. Dentre esses, destaca-se Husserl que atribuiu um aspecto fenomenológico para esse pensamento temporal. Por meio dessa análise também se torna notável os aspectos cristãos que Agostinho propõe, pois esse pensamento de interioridade surge na tradição cristã e ganha vigor com o auxílio do pensamento agostiniano.

Outra contribuição de Agostinho para a desenvolvimento deste assunto se dá na relação entre fé e razão, ao dizer que quando a alma se unir ao seu Criador não necessitará recordar das coisas do passado e nem se preocupar com as coisas do futuro, porque tudo será somente presente. Isso também demonstra que o pensamento de Agostinho se diverge dos seus antepassados, já que eles não possuíam a mesma concepção cristã.

3.3.1 A passagem do tempo para a eternidade

Agostinho, seguindo os ensinamentos cristãos e os ensinamentos dados por sua mãe, demonstra sua crença na transição que se faz do tempo para a eternidade. Isso se torna perceptível quando se lê um trecho do livro X das Confissões, no qual ele percebe a experiência mística que é vivida por sua mãe, quando ela está passando da temporalidade para a eternidade. Ele fala que essa foi uma das

maiores experiências de sua vida e foi por meio dela que aumentou a esperança na continuação da vida da consciência (cf. CORREIA, 2006, p. 83).

Para ele a passagem do tempo para a eternidade fará com que a alma descanse na vida que é eterna. Pois assim como Deus descansou no sétimo dia da criação, também as almas vão repousar, por isso ele fala:

Também então repousareis em nós, da mesma maneira que agora operais em nós. Este nosso repouso será vosso por nós, assim como são vossas estas ações por nós. Senhor, Vós sempre estais ativo; sempre estais em repouso. Não vedes, não Vos moveis, nem descansais, conforme o tempo. Porém, concedeis-nos que vejamos no tempo, fazeis o próprio tempo e o nosso repouso, para além do tempo (*Conf. XIII, 37, 52*).

Agostinho evidencia que após a vida, a temporalidade não será mais necessária, pois descasará na eternidade. Isso não será o começo e nem o fim, mas será uma passagem do tempo para a eternidade. De tal modo que ele diz “aí repousaremos e veremos; veremos e amaremos; amaremos e louvaremos. Eis o que haverá no fim sem-fim” (*A Cidade de Deus, XXII, 30*). A eternidade não é o fim, mas a continuidade, nela não se faz necessário o futuro e o passado pois ela é sempre presente.

Essa passagem do tempo para a eternidade é feita por meio da morte. Mais uma vez, seguindo os ensinamentos cristãos, Agostinho apresenta a morte como algo positivo. Por isso ele relata que no funeral de sua mãe ele não via motivos para chorar ou lamentar, pois ele acreditava que sua mãe tinha sido uma mulher justa e por isso, ela teria feito essa passagem para a vida eterna. Por tanto a morte é a transição da vida física, onde existe o tempo, para a vida eterna, onde se terá a experiência plena do presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a explanação agostiniana sobre o tempo e a busca por compreender a contribuição que este tema dá para o pensamento filosófico, é válido dizer que é perceptível que na teoria de Agostinho o tempo toma um novo caráter que não tinha sido analisado pelos filósofos anteriores a ele. Em seu tratado sobre a temporalidade, ele faz uma explanação profunda sobre este pensamento, visto que ele apresenta desde o modo pelo qual o tempo começou a existir, como ele existe e onde ele existe, ou seja, o modo de relação entre o homem e o tempo.

Por isso, é importante destacar que os alcances deste trabalho se deram por meio da compreensão do problema da temporalidade. Primeiramente, entendendo o modo pelo qual o tempo foi criado, compreendendo assim que existe uma grande diferença entre tempo e eternidade, pois não se pode pensar que ambos são a mesma coisa. Entendendo que o tempo foi criado quando todas as coisas foram criadas e por isso, é impossível se pensar uma temporalidade anterior à criação. Essa afirmação mostra que Agostinho fez a explanação da crença cristã por meio de argumentação racional. Assim, nota-se que a junção entre fé e razão é algo essencial para o pensamento agostiniano, pois ele refutou racionalmente o pensamento dos maniqueus, e se converteu, assumindo como sua crença a fé dos cristãos.

Outro alcance foi a compreensão da temporalidade feita por Agostinho de que o tempo não pode ser pensado de forma tripartida. Portanto, para ele é impensável aquilo que muitas vezes ocorre, que é a divisão do tempo entre passado, presente e futuro. Os três só existem enquanto presente, pois o passado é uma lembrança do presente, o futuro é uma expectativa do presente e o presente só existe, pois contém em si o passado e o futuro. Agostinho conceitua o presente como visão, o passado como memória e o futuro como expectativa. Essa visão do agora faz com que aquilo que passa se torne memória e que assim se crie expectativa daquilo que há de vir. Portanto, não se pode dividir aquilo que acontece no mesmo instante, que ele conceitua como instante indivisível.

Igualmente foi alcançado neste trabalho o entendimento da existência do tempo como distensão da alma, pois para Agostinho o tempo só pode ser medido e percebido no interior do homem. Esta é a maior das novidades apresentadas por ele, divergindo assim dos filósofos antecessores. Para ele é impossível a existência

de uma temporalidade que seja exterior ao homem, o tempo só existe na alma. Aquilo que é exterior ao homem é percebido por sua interioridade e nela ficam gravados toda sua vivência, criando assim uma esperança daquilo que ele ainda vai viver.

Convém destacar as limitações deste trabalho, que também podem servir como impulso para o surgimento de complementações ou novos estudos. Assim como o próprio Agostinho fala o problema do tempo pode parecer fácil, pois muitas vezes se fala do tempo, até mesmo no dia a dia, todavia estudar sobre ele faz com que se veja a complexidade da questão. Por isso, sabe-se que a compreensão daqueles que estudam sobre a temporalidade segundo o entendimento agostiniano, se diverge em alguns aspectos e, por conseguinte a compreensão deste trabalho pode-se apresentar-se complexa.

O entendimento da metodologia agostiniana configura-se como uma limitação deste trabalho, posto que em sua obra ele refuta diversas vezes a afirmação que ele tinha feito anteriormente. E frequentemente ele traz respostas em formas de perguntas, exigindo atenção redobrada para que se explanasse de forma correta aquilo que Agostinho queria afirmar. Deste modo, em alguns casos é possível ocorrer que se confundam as apresentações feitas neste trabalho.

Por fim, vale destacar que este trabalho não se propõe a ser um estudo que finde este tema, contudo, ele está aberto para correções e propostas. Assim sendo, ele também possui abertura para que a partir deste surjam mais trabalhos e para que seja uma contribuição nos estudos daqueles que assim como o autor deste trabalho se fascinam pelo modo da filosofia agostiniana. Logo o desejo deste trabalho é continuar aquilo que foi praticado por Santo Agostinho, ou seja, o amor pela filosofia como modo de entender e viver a fé cristã.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Aurélio. **A cidade de Deus: (contra os pagãos)**. Tradução: Oscar Paes Leme. 10. ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.
- AGOSTINHO, Aurélio. **Confissões**. Tradução: J. Oliveira Santos, A. Ambrósio de Pina. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- AGOSTINHO, Aurélio. **Confissões**. Tradução: J. Oliveira Santos, A. Ambrósio de Pina. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- AGOSTINHO, Aurélio. **Sobre o Gênesis, contra os maniqueus**. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005.
- AUDI, Robert. **Dicionário de filosofia da Escola de Cambridge**. São Paulo: Paulus, 2006.
- AYOUB, CRISTIANE NEGREIROS ABBUD. Agostinho e o tempo da alma. **Dois Pontos** (UFPR) DIGITAL, v. 18, p. 21-34, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/dp.v18i1.71954>. Acessado em: 10 de junho de 2022.
- AYOUB, C. N. A.; NOVAES, M. **Agostinho: A Razão em Progresso Permanente**. In: Jairo Marçal. (Org.). Antologia de Textos Filosóficos. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação - Governo do Paraná, 2010, v. p. 19-56.
- BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- CORREIA, Fábio José Barbosa. **O problema do tempo no pensamento de Agostinho e Henri Bergson**. 2006. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006, [manuscrito]. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/6256>. Acessado em: 06 de maio de 2022.
- CORTI, C. A. Heidegger, intérprete de San Agustín: el tiempo, nuevas fuentes para la recepción heideggeriana de las Confesiones de San Agustín. **Revista de Filosofía**, v. 32, n. 1, p. 143-163, 21 sep. 2007. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/RESF/article/view/RESF0707120143A> Acessado em: 08 de maio de 2022.
- GILSON, Étienne. **Introdução à Filosofia Cristã**. Tradução: Daniel da Costa. Santo André: Academia Cristã, 2014.
- GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução: Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. 2. ed. rev. São Paulo: Discurso Editorial, 2010.
- GILSON, Étienne. **A filosofia na idade média**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- HINRICHESEN, Luís Evandro. **A Estética de Santo Agostinho: o belo e a formação do humano**. Porto Alegre: ESTEF, 2009.

HINRICHESEN, Luís Evandro; SILVA, Paula Oliveira. **Agostinho de Hipona: ensaios sobre Deus, liberdade e comunidade**. 1. ed. rev. Porto Alegre: Letra e Vida, 2014.

HUSSERL, E. (1994). **Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo**. trad., introd. e notas Pedro M. S. Alves. Lisboa: Impr. Nac.-Casa da Moeda.

JULIÃO, José Nicolao. *Tempo e História em Santo Agostinho*. **Veritas**, v. 63, n. 2, p. 408-435, 5 out. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2018.2.28569>. Acessado em: 09 de maio de 2022.

RODRIGUES, M. L. Síntese do tempo e o tempo em Santo Agostinho. **Multitemas**, n. 22, p. 87-103, 17 maio 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/multi.v0i22.915>. Acessado em: 09 de maio de 2022.

SÁ, Olga de. “Que é, pois, o tempo?” (*Santo Agostinho*). **Kaliope**, ano 7, n. 14, p. 100-107, 26 abr., São Paulo, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kaliope/article/view/7889> Acessado em: 09 de maio de 2022.

SUTER, Ronald. *El concepto del tiempo según San Agustín, con algunos comentarios críticos de Wittgenstein*. **CONVIVIAM**, [en línea], Núm. 19, p. 97-111, 1965. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Convivium/article/view/76270> Acessado em: 06 de maio de 2022.